

**Plantas da Amazônia: saberes, usos e relações na Feira do  
Buritizal, Amapá, Brasil**

**Amazonian plants: knowledge, used and relations at the Buritizal Fair,  
Amapá, Brazil**

Juivalda da Silva Brasil\*

\* Universidade Federal do Pará, UFPA, Belém - PA, 66075-110,  
e-mail: judivaldabrasil@gmail.com

Iracely Rodrigues da Silva\*\*

\*\* Universidade Federal do Pará, UFPA, Belém - PA, 66075-110,  
e-mail: Iracely@ufpa.br

Francisco Pereira de Oliveira\*\*\*

\*\*\* Universidade Federal do Pará, UFPA, Belém - PA, 66075-110,  
e-mail: foliveiranono@yahoo.com.br

Norma Cristina Vieira\*\*\*\*

\*\*\*\* Universidade Federal do Pará, UFPA, Belém - PA, 66075-110,  
e-mail: normacosta@ufpa.br

**Resumo:** O presente estudo traz à tona os saberes tradicionais sobre a apropriação e uso das plantas medicinais comercializadas na Feira do Buritizal, Amapá, Brasil, com o objetivo de analisar e visibilizar os saberes empreendidos pelos feirantes e comerciantes de plantas na referida Feira. O procedimento metodológico deu-se a partir da abordagem qualitativa de pesquisa, com a técnica história de vida por meio de um roteiro com perguntas pré-formuladas. Os principais resultados demonstraram que a Feira do Buritizal está estruturada por saberes tradicionais, além de ser um local de encontros, trocas e comercialização, cujas sensações das cores e cheiros das plantas causam um sentimento de pertencimento para quem habita na Amazônia. A principal conclusão revela que os saberes tradicionais sobre as plantas comercializadas na Feira transversalizam as gerações e crenças, assim como revelam o saber-fazer a partir das vivências diárias na Amazônia brasileira.

**Palavras-chave:** Plantas da Amazônia; Saber-Fazer; Relações.

**Abstract:** The present study brings to the fore the traditional knowledge about the appropriation and use of medicinal plants sold at the Buritizal Fair, Amapá, Brazil, with the aim of analyzing and making visible the knowledge undertaken by market traders and plant traders at that Fair. The

methodological procedure was based on the qualitative research approach, with the life story technique through a script with pre-formulated questions. The main results showed that the Buritizal Fair is structured by traditional knowledge, in addition to being a place for meetings, exchanges and commercialization, whose sensations of the colors and smells of the plants cause a feeling of belonging for those who live in the Amazon. The main conclusion reveals that the traditional knowledge about plants sold at the Fair cuts across generations and beliefs, as well as revealing know-how from daily experiences in the Brazilian Amazon.

**Keywords:** Plants of the Amazon; Know how to do; Relations

## INTRODUÇÃO

O presente estudo visibiliza as relações que permeiam a comercialização das plantas medicinais pelos feirantes da feira de Buritizal na cidade de Macapá-Brasil, a partir das narrativas sobre suas vendas e usos pelos consumidores. Os diversos usos de plantas, seja para fins medicinais, religiosos, decorativos, seja para fins gastronômicos, são, antes de tudo, um elemento presente no cotidiano dos macapaenses, ressignificado de acordo com suas necessidades e credências, que estabelecem dinâmicas próprias da cultura amazônica.

Sobre o uso das plantas, Barbosa (2009) diz que, no Brasil, a prática de se utilizar as plantas como remédio remonta aos primeiros habitantes indígenas, que sempre se apropriaram dos recursos naturais, tanto da flora como da fauna, para a cura da alma, dos espíritos e de doenças sintomáticas; e por intermédio dos pajés, sobretudo, esse conhecimento foi repassado e aprimorado de geração em geração.

O uso de plantas medicinais e ritualísticas, mesmo com a modernização global das cidades, ainda é bastante presente em feiras e estabelecimentos comerciais, encontradas nos centros ou periferias das cidades e vem se tornando cada vez mais acessível, em uma ampla variedade de formas, *in natura* ou industrializadas, encontradas na natureza ou em supermercados, lojas e feiras livres (ALVES *et al.*, 2008).

Atualmente, estudos vêm difundindo o uso de plantas medicinais na saúde das populações amazônicas, visando não só fortalecer os saberes tradicionais no meio científico, mas também reconhecer as propriedades peculiaridades do saber-fazer que norteiam as práticas da fitoterapia como alternativa de cura e marco referencial de identidade (MORAES *et al.*, 2002; SANTOS *et al.*, 2020; AZEVEDO & SILVA, 2006).

Estudos em feiras livres sobre plantas visam também apresentar os usos dos recursos naturais no âmbito urbano e analisar a consolidação do etnoconhecimento nesses espaços, tanto pelos comerciantes quanto pelos consumidores/usuários. Essas investigações retratam o perfil do consumidor que tem crença nos produtos naturais, de baixo custo e acessíveis, com comprovada eficácia nos tratamentos (ALBUQUERQUE & HANAZAKI, 2006; BRASIL, 2006). Esses consumidores são permeados pela cultura de que o uso de plantas é extensão da vida, em alguns casos, até despertados o sentimento de pertença.

Nesse sentido, compreender as práticas de vendas de plantas medicinais que envolvem os saberes construídos ao longo do tempo, no dia a dia da feira, na troca de informações úteis sobre as espécies comercializadas, as representações simbólicas que envolvem o acreditar e a religiosidade nas narrativas desses interlocutores, é o principal objetivo deste trabalho, assim como oferece subsídios para debates sobre as especificidades do trabalho deste feirante e as complexidades que envolvem os saberes sobre as plantas, sendo esta a principal exigência para o atrativo de consumidores.

## ÁREA DE ESTUDO E METODOLOGIA DA PESQUISA

A cidade de Macapá está localizada no estado do Amapá (Figura 1), no alto setor costeiro estuarino, às margens do rio Amazonas, que possui a maior descarga hídrica do mundo (MASSON & DELECLUSE, 2001). Macapá foi declarada como a “capital do meio do mundo” por ser cortada pela linha do equador, possui um clima quente e úmido, com duas estações bem definidas: estação seca de setembro a dezembro e estação chuvosa de fevereiro a maio. A umidade da região varia entre 80% e 90% em função da floresta amazônica (TORRES; ROBRINI; COSTA, 2018).

A pesquisa foi realizada na feira livre de Macapá (Figura 1), situada na Rua Claudomiro de Moraes, 678 - Novo Buritizal, onde encontra-se feirantes produtores oriundos das 292 comunidades do Estado, os quais trabalham através de escala pré-determinadas pela Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Secretaria responsável pela distribuição de alimentos produzidos no Amapá.

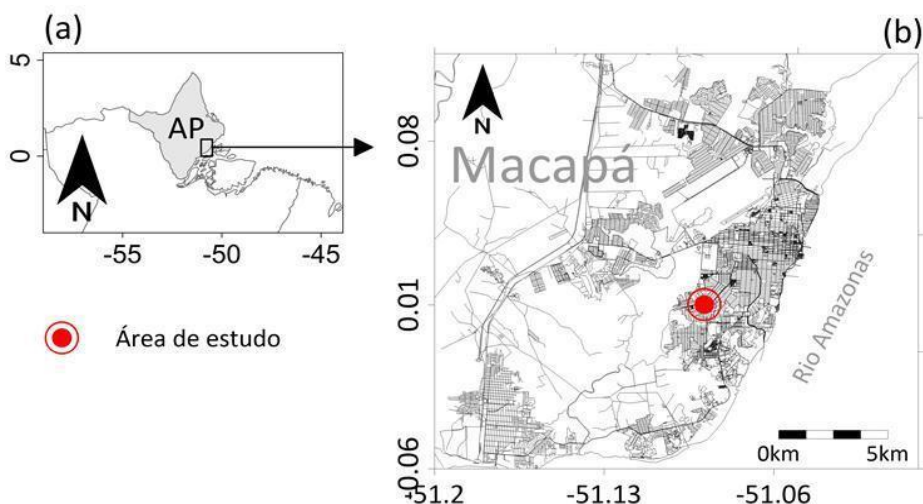


Figura 1. Localização da área de estudo (Feira Livre de Macapá)

Em 2019, Macapá possuía 503.327 habitantes ocupando a posição de 22<sup>a</sup> capital mais populosa do Brasil (IBGE, 2019). Uma característica marcante da população é o desenvolvimento da agricultura de caráter intra-urbana, desenvolvida nos arredores do município, uma vez que a produção se dá junto aos grupos familiares, em pequenos espaços dentro e fora da cidade, haja vista que geralmente são hortos, quintais, terrenos baldios, plantações comunitárias, que são utilizadas para produzir hortaliças, plantas medicinais e/ou ornamentais para próprio consumo ou venda nos mercados e feiras populares.

A escolha da feira do Buritizal se deu por acreditar-se que é um local destinado, não apenas ao comércio de produtos comestíveis, mas também por ser um verdadeiro celeiro de produtos carregados de simbologias que revelam identidades e crenças. Justifica-se, portanto, a escolha deste espaço, considerando não só a riqueza cultural do local, mas também por evocar a memória dos sujeitos da pesquisa, seus saberes sobre as plantas como traços da identidade amazônica.

O caminho metodológico desta pesquisa foi baseado na abordagem qualitativa, e o período de coleta de dados ocorreu entre 2018 a 2019. Para a seleção dos participantes lançou-se mão da técnica *Snow ball*<sup>2</sup>, onde um selecionado indicava outra pessoa que tinha relação direta com o que se propunha o estudo, o que resultou em quatro informantes-chave em participação direta com os saberes e usos das plantas comercializadas.

As narrativas orais corroboram para enfatizar o valor das tradições, revigorando e ressignificando os saberes através do discurso individual, que tende a revelar a

<sup>2</sup> Snowball também chamada snowball sampling (BIERNACKI e WALDORF, 1981).

identidade cultural dos envolvidos na pesquisa e suas experiências compartilhadas no uso das plantas, construindo assim uma análise empírica dialógica – uma vez que paralela à história individual, temos a história social em desenvolvimento.

Os procedimentos de coletas de dados foram a observação participante e a história de vida. Segundo Minayo (2001.p.60), a importância da observação participante se dá mediante a interação do entrevistado com os sujeitos que compõem o cenário da pesquisa, de maneira que, a presença do pesquisador, acompanhando a vivência dos sujeitos pesquisados, pode captar uma variedade de situações que não ficariam explícitas através de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, tendem a transmitir o que há de mais imponderável e evasivo na vida real.

A história de vida trata-se de “(...) uma técnica de pesquisa social utilizada pelos antropólogos, sociólogos, psicólogos, educadores e outros estudiosos, como fonte de informação para seus trabalhos” (MARCONI; LAKATOS, 2011, p. 122-123). Assim, através de anotações em diário de campo sobre as impressões, sensações e atitudes das pessoas acerca dos saberes das plantas comercializadas, as conversas, gravadas com auxílio de um gravador portátil, e fotografias registraram momentos do trabalho de campo. Dessa forma, encaminhou-se o estudo mediante a análise de dados promovendo a articulação entre descrição e reflexão, no esforço de contextualizar as experiências observadas.

## CONTEXTUALIZANDO A FEIRA DO BURITIZAL

Na feira do Buritizal, a utilização das plantas é, antes de tudo, um posicionamento cultural e um conhecimento impresso pelo saber intercultural, o qual se manifesta e se propaga dentro e fora da feira, a partir dos registros, compartilhamentos e utilizações das plantas nos ritos e demais empregos domésticos da culinária e da saúde.

A relação de socialização de receitas nos usos das plantas medicinais e óleos de essências naturais denotam não só a sociobiodiversidade local, como também propicia a evocação da memória e do lugar de pertencimento de cada sujeito (vendedor e consumidor) através dos enunciados proferidos e do próprio uso peculiar de cada produto.



Figura 1: Parte interna da Feira do Produtor do Buritizal

As plantas são comercializadas com determinadas exigências, ou seja, com recomendações, indicações e ainda exige fé. Esta última, segundo os feirantes, é o elemento essencial para alcançar o efeito desejado, tanto para quem vende, quanto para quem consome os unguentos, banhos, garrafadas, xaropes, chás com base no saber popular das ervaíras e raizeiros (como são chamados de acordo com o que comercializam). As feiras “proporcionam ao imaginário popular um universo de proximidades, de figuras, de encantamento, de repulsa e confusões de fronteiras” (FREITAS; FONTES; OLIVEIRA, 2008, p. 130).

Foi possível observar que através da oralidade realizam trocas de receitas, dicas de temperos, indicações de beberagens<sup>3</sup> e garrafadas<sup>4</sup> para os mais diversos males do corpo e da alma, transitando e transmutando identidades culturais em campo neutro e, ao mesmo tempo, contagiado das mais formidáveis essências e saberes. Nesse contexto, o elemento que liga as pessoas às manifestações culturais mediante as ações de compra e venda é estabelecido através das narrativas socializadas, dos discursos impressos e expressos de forma sensorial, nos signos linguísticos através das placas, cores das frutas, letreiros, imagens, cheiros e sabores peculiares da socialização das culturas populares trazidas por seus produtores.

As relações que se estabelecem são as mais diversas e permeadas pela ressignificação constante, pois se materializam em meio a conversas, confronto pacífico das tradições, dos encontros corporais e de pensamentos, das experiências de vida e de

---

<sup>3</sup> Bebidas com ou sem álcool para fins de saberes, rituais e curas de doenças.

<sup>4</sup> Trata-se de bebidas para curas de doenças de mulheres (doenças no útero, ovário, vagina, período do puerpério).

negociatas que envolvem compras, vendas e permutas, isso tudo embalado em expressões e tiradas verbais ricas em jocosidades, que revelam performances corporais e orais, enfim, lugar de riqueza sensorial infinita, que engloba a riqueza das cores, odores e sonoridades para se dissolver no fim da feira (MORAIS & ARAÚJO, 2006).

Na feira do Buritizal, os vendedores na maioria são mulheres que vendem polpas de frutas no corredor de entrada, com seus isopores também chamados de cuba. Mais adiante, encontram-se os pais e mães destas mulheres ou até mesmo os esposos, ou seja, percebe-se uma prática de venda familiar, onde se dividem nos afazeres: elas ficam com as verduras ou com as polpas de frutas na maioria dos casos, os homens, por sua vez, costumam lidar com as vendas de gêneros alimentícios (feijão, milho, farinha, dentre outros), e unificam [mulheres e homens] na venda de plantas. Nesse sentido, torna-se perceptível uma divisão sexual clara do trabalho dentro das atividades da Feira, o que, por certo, traz à tona a ideia de que em suas práticas são convergentes um objetivo: arcar com as despesas familiares cotidianamente.

Durante o período de chuvas amazônicas nem sempre os feirantes conseguem chegar à cidade para vender sua produção, que em alguns casos, fica perdida e compreende prejuízos de esforço físico e financeiro. Importante ressaltar que a maioria desses feirantes vive em comunidades tradicionais ribeirinhas longínquas da cidade e, por certo, dependem de transporte para que sua produção seja escoada e comercializada.

Logo, entende-se que a Feira é um espaço de vida financeira para muitos desses personagens, assim como lugar de transmissão da cultura popular e dos saberes tradicionais, elementos que transversalizam gerações. Essa socialização se materializa por meio da oferta e exposição do conjunto dos recursos comercializados: plantas medicinais, ritualísticas, especiarias, essências, objetos, folhas alimentícias e alimentos que fazem parte da gastronomia de um povo ou de um lugar. Esse conjunto de recursos representa o saber-fazer apresentado nos discursos presentes da feira.

## AS VOZES DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Encontramos na feira do Buritizal feirantes que vendem plantas para todos os fins, especialmente o medicinal (corpo e alma), o alimentício, e a ornamentação.

Entre os sujeitos da pesquisa, uma senhora de 82 anos (D. Martina) que diariamente trabalha com venda de plantas medicinais e verduras. Natural do Amapá,

aposentada como agricultora, ainda planta, colhe, entrega e vende o produto de seu trabalho no Horto da Fazendinha (distrito de Macapá), um esforço bem grande para trazer seus produtos para expor e vender. Esta discorre sobre sua atividade laboral:

Chego cedo aqui. Por volta das cinco horas saio de casa, não é muito longe, mas na maioria das vezes o caminhão demora e tem muita coisa para arrumar no carro. Às vezes tenho ajuda de alguns rapazes que vão no carro, mas nem sempre. Como já estou um pouco fraca das pernas tenho dificuldade para ficar subindo e descendo do carro ainda segurando peso, então minha sobrinha vem comigo e até ajuda a montar a barraca do lado de fora da feira. Não vendo muitas plantas, mas como trago temperos e outras verduras, não perco o meu dia. É muito difícil eu não vir. Só se não tiver o transporte. Quando chove não dá pra vir. Fica muito enlameado aqui. E saio daqui umas quatro pra cinco horas, vou no primeiro carro (Martina, 82 anos).

A feira tem uma política de distribuição de box<sup>5</sup> e Martina não foi contemplada, ela alega que na época vendia em casa e não fez o cadastro, elemento necessário para que fosse beneficiada com espaço dentro da Feira. Por isso é considerada uma atravessadora (nome que recebem as pessoas que atuam do lado de fora da feira). Quanto a essa situação, considerada ilegal mediante a política de gestão da feira, Martina diz:

Nunca os fiscais me tratam com grosseria ou me incomodam. Acho que sou uma das poucas que o pessoal do caminhão se preocupa em ir buscar e se não apareço, já ficam preocupados. Eles me respeitam ninguém mexe comigo, mas também de vez em quando trago um mingau, uma pupunha com café, trato todos com carinho também. Um ajuda o outro né! (Martina, 82 anos)

Quando perguntada por que continua na lida, ela narra com certo embargo na voz:

Mana! Isso é tudo o que eu sei fazer, aprendi com a vida. Minha mãe, avó, sempre usaram folhas pra curar dor de barriga, gripe e até doença feia<sup>6</sup>, feito a diabete. Sou aposentada como trabalhadora rural, mas já viu a aposentadoria é muito pouca e com a idade as doenças aparecem se for fazer gosto, meu dinheiro vai todo em remédio. Não costumo indicar remédios preparados por plantas, tenho medo que faça mal aos outros, mas costumo usar chás para alguns males mais simples como dor de cabeça, cólicas menstruais ou dores abdominais, banhos para cabeça essas coisas. Hoje trouxe casca de laranja para dores estomacais, flores de mamoeiro macho para diabete, sabugueiro para catapora e sarampino, mas são tudo coisas que já usei e deu certo. Tem gente que como eu, acredita e leva o material para fazer os remédios e umas ainda voltam para dizer que deu resultado. Fico feliz,

---

<sup>5</sup> Pequeno espaço fixo de comercialização na feira

<sup>6</sup> Refere-se ao câncer, além de determinadas doenças infectocontagiosas.



mas não acho que eu seja uma doutora da mata (sabe esse pessoal que ensina remédio para os outros e que moram no mato – ainda tem um monte por aí, mas que tem medo de ser chamados de bruxa, como eu mesma) (Martina, 82 anos).

O revisitar da memória de Martina suscita uma vida de submissão ao trabalho, bem como sua coragem e perseverança no trato com as plantas. Seus saberes da tradição indicam-lhe cuidado e prudência no uso das plantas, quando diz que avisa aos compradores que pode dar certo para alguns e não funcionar para outros. Por outro lado, observa-se que a eficácia ou não das plantas está associada ao medo de seus saberes da tradição ser confundidos com bruxaria, o que pode trazer consequências para os povos que lidam e vivem a partir desses saberes, realidade comum entre as populações tradicionais ribeirinhas da Amazônia brasileira.

A esse respeito, as mulheres da Idade Média que conheciam e entendiam sobre o emprego de plantas medicinais para curar enfermidades nas comunidades em que viviam, aprendiam o ofício umas com as outras e passavam esse conhecimento para suas filhas, vizinhas e amigas, no entanto eram conhecidas como bruxas (ANGELIN, 2008). Essas mulheres foram perseguidas e punidas, muitas levadas à morte. Martina teme em sofrer julgamentos pelos seus saberes tradicionais especializados sobre as plantas, por isso se limita a poucas indicações de uso.

Interessante ressaltar que ela não considera que o vender plantas e outros ingredientes para doenças como dor na barriga, gripe, cólicas menstruais, esteja receitando remédios, só está vendendo plantas medicinais. Segundo Martina *todo mundo um dia já tomou estes chás feitos por sua mãe ou avó*. Halbwachs (2003) afirma que toda memória, por mais individual que seja, está ligada pelo menos a mais de uma pessoa. As lembranças se afirmam e se reafirmam diante do embate com a memória dos outros, daqueles, que, conosco, dividiram o mesmo espaço e as mesmas situações.

A indicação de plantas para o uso medicinal é uma reprodução cultural transmitida há muitos anos pelas gerações mais antigas, embora negue, em boa medida, sua identidade e de seus saberes pelo receio ao estigma que pode vir a ser atribuído socialmente a ela [Martina]. Essa preocupação é algo bem latente em quem atua com o uso de plantas, muitas pessoas que não tem condições de pagar um médico, optam por esta terapia de baixo custo ou mesmo suas crenças as levam a querer fazer mais o uso das plantas aos medicamentos farmacêuticos indicados pela medicina. Nesse sentido, Brasil (2006, p.19) diz que, A utilização das plantas medicinais como recurso terapêutico é bastante difundida em todo o mundo. Elas são consideradas como terapia

complementar ou alternativa em saúde e seu uso tem sido crescente.

Em outro ponto, dentro da Feira, uma senhora de 52 anos (Dona Maria José), moradora do Polo da Fazendinha e feirante desde 2002. Nos últimos anos, ela observou que as pessoas estavam procurando demasiadamente este recurso, não só para doenças como para uso culinário, decorativo ou para banhos religiosos, o que a fez dedicar-se para a comercialização dessas plantas.

O pessoal deixou de comprar verduras e legumes para comprar folhas e eu claro comecei a vender folhas. Nem sempre sei para o que serve, pois não me interessa às vezes alguém conta para o que vai usar e eu escutamos, mas não recomendo e quando me perguntam se serve para alguma coisa eu digo que só vendo (Maria José, 52 anos).

Nota-se na fala da informante que ela apenas comercializa as plantas, e foi atraída para a Feira pelo fato de levantar recursos econômicos para o sustento familiar. Esses feirantes estão trazendo mais plantas do que verduras (tomate, cebola, batata, couve, jerimum, pimenta) que faz parte do cardápio dos amapaenses. No entanto, por conta de maior comercialização de plantas na Feira, os legumes e verduras ficaram em segundo plano, e as plantas para os diferentes usos, tornaram-se moeda importante de circulação na Feira nos dias de hoje.

Hoje tem muita gente que vem aqui comprar hortelã, menta, alecrim, cidreira e capim marinho para fazer bebidas. Tem um cara aí que sempre vem, cria bebidas exóticas. Ainda ontem veio comprar para um festão com gente da alta que ia rolar numa boate. Ele diz que faz muito sucesso (Alberto Gonçalves, 39 anos).

Outro sujeito ouvido nesta feira foi um senhor de 67 anos, Vicente Oliveira, morador da Fazendinha, distrito em que se localiza o Polo Agrícola de Macapá. O próprio se define como alguém que viu na feira a oportunidade de trabalhar e criar seus filhos, pois trabalha ali há dezenove anos.

Lembro que minha mãe fazia uns lambedores, unguentos e xaropes, mas nunca fui de fazer isso com meus filhos, só depois quando a necessidade apertou é que resolvi, por influência do meu filho mais novo, que é universitário. Arrumei umas plantas e de início vendia só planta para jardim, aí resolvi plantar mastruz, alecrim, capim marinho, estas plantas de chá e temperos. Plantas mágicas ou de banhos para conseguir coisas espirituais, não gosto disso não, sempre indico a Neuza pra quem procura estas coisas. Ela sim tem tudo! (Vicente Oliveira, 67 anos).

Percebe-se que o senhor Vicente não associa as plantas que vende a cura da alma por ser evangélico. Os conhecimentos sobre usos de plantas medicinais possuem

dinâmica própria a partir do contexto sociocultural onde está inserido (CAMARGO, 2006). Assim, no contexto sociocultural religioso do informante, as plantas só devem ser utilizadas para sanar doenças do corpo físico, e não sensações do campo espiritual, mostrando que os conceitos e aprendizagens adquiridas na religião também influenciam o tipo de comercialização e a seleção de espécies disponíveis para o consumidor.

Por outro lado, destaca-se uma senhora de 64 anos (Neusa), vendedora de plantas para todos os usos (curas da alma ou do corpo). Trabalha há mais de vinte anos na feira do produtor de Buritizal, sendo a feirante que mais atende os terreiros de umbanda e candomblé, especialmente, fazendo entregas sigilosas de encomendas que recebe. Não costuma aceitar visitas em seu quintal, lugar onde cultiva as plantas medicinais, por temer as energias ruins. Possui plantas para todos os tipos de usos, quando não tem recorre ao mateiro<sup>7</sup>.

Em se tratando de plantas para fins ritualísticos, junto aos povos de terreiros, ela é a referência máxima, tanto para iniciantes quanto para os mais antigos nas práticas de banhos e outros preparos. O atendimento é tido como impecável e apesar do envolvimento e respeito que ela demonstra, não segue os preceitos religiosos da umbanda e candomblé, usa seus saberes para servi-los e manter a clientela. Quando questionada sobre o trabalho que executa e a origem de seus saberes, ela diz que chegou às plantas pela dor e permaneceu por necessidade. Ao observarmos seu dia a dia, podemos constatar seus saberes em relação às plantas que cultiva e comercializa.

Eu não finjo que sei tudo sobre o uso das plantas, não. Num sei mesmo, né. Escuto muitas coisas, pesquiso, mas também não me meto a indicar nada. Folha pra banho indico, porque já trago os amarrados de casa. E quem vem comprar sabe pra que quer. Tem uns que trazem as listas ou a receita do banho, aí é só atender. Eu não preciso fingir um envolvimento que não tenho. Acredito em Deus e que ele na sua sabedoria criou as plantas e lhes deu poder de cura, e que por isso é preciso crer em Deus antes de tudo. Atribuo seus efeitos a fé que as pessoas desenvolvem ao usá-las, se não tiver fé na cura ela não acontece não se pode usar uma planta, um banho, um chá sem acreditar no seu poder. Senão é melhor nem usar (Neusa, 64 anos).

Somente Dona Neusa permanece vendendo plantas medicinais mágicas, como são chamadas por alguns na feira do Buritizal. Não se nega a preparar os amarrados<sup>8</sup> e realizar os rituais na confecção destes. Latour (2002, p. 15) explica que “a crença não é

---

<sup>7</sup> Aquele que coleta as plantas na floresta e possui muitos saberes sobre elas e seus usos.

<sup>8</sup> As folhas também são usadas na forma de ramos e galhos que são "batidos" nos consulentes, com o objetivo de desprender as cargas negativas e larvas astrais que possam estar aderidos a estes.

um estado mental, mas um efeito da relação entre povos”, porque os saberes da tradição são coletivos e repassados de geração a geração.

A institucionalização dessas demandas sociais para o setor da saúde ocorreu no final dos anos 1970, quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) apresentaram interesses pelo uso dessas plantas medicinais e criaram o “Programa de Medicina Tradicional”, com o propósito de estimular a formulação e implementação de políticas públicas nessa área.

Os saberes tradicionais impressos por pessoas ligadas diretamente ao uso das plantas ganham expressiva notoriedade e faz da Feira um celeiro fértil em disseminação de conhecimentos, bem como do saber-fazer, representando, com supremacia, a luta e a resistência dos povos da Amazônia.

As vozes acima revelam a importância que tem a Feira do Buritizal em Macapá, onde ocorre um misto de pessoas com diversos interesses, especialmente, o econômico. Todavia, entre essas pessoas há aquelas que comercializam, mas estão imbuídas de saberes e pertencimento ao universo vegetal, onde são produzidos e reproduzidos conhecimentos relacionados à apropriação e uso das plantas para diversos fins. Assim percebe-se que esse conhecimento tradicional com fins medicinais veiculados na feira macapaense é uma das maiores riquezas da região amazônica, que frequentemente usa essas espécies-chave para manutenção dos grupos sociais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de plantas é uma característica marcante na feira amapaense. Seu baixo custo e fácil acesso tornam-se uma opção de tratamento para muitas doenças. Para além desta finalidade, utilizam-se plantas como alimento, como ações ritualísticas, como ornamentação. Para cada um desses usos, faz-se necessário um conjunto de saberes apreendidos com a experimentação, sistematização e transmissão de modos de utilização.

À medida que as vozes ganham ouvidos e são imbuídas de pertencimento, sentimentos, curas e frustrações, a feira traz não só a necessidade do produto, mas desvela o elo comum entre muitos feirantes e fregueses. O cenário da feira é assim um teatro a céu aberto, em que cada um representa seu papel social e consegue, através de seus saberes, ressignificar sua identidade, seu DNA cultural.

Partindo do princípio de que o ato de comunicar tende a estender laços entre as pessoas dentro do espaço da feira, observa-se entre outros fatores, que estas mediações são assimiladas pelo sujeito - interlocutor ou narrador de acordo com suas necessidades. Registra-se aí o papel do feirante e do freguês como agentes multiplicadores de cultura dentro do seu ser e fazer laboral.

Cotidianamente feirantes e frequentadores da feira compartilham cumplicidades no fazer a feira dos odores, cores e sabores, não somente a permuta do produto pela moeda, mas também as narrativas de vida que despertam em cada um a memória de uso e saberes e que os compõem e os revelam como filhos daquele lugar.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U. P; HANAZAKI, N. *As pesquisas etnológicas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas*. Rev. bras. Farmacogn. João Pessoa, v. 16, supl. p. 678-689, 2006.
- ALVES, R.R.N et al. *Aspectos sócio-econômicos do comércio de plantas e animais medicinais em área metropolitanas do Norte e Nordeste do Brasil*. Revista de Biologia e Ciências da Terra. Paraíba, v. 08, n. 01, p. 181-189, 2008.
- ANGELIN, Rosângela. *A “Caça às bruxas”*: uma interpretação feminista. Revista Espaço Acadêmico. Maringá, v. 5, n. 53, out. 2008.
- AZEVEDO, S. K. S.; SILVA, I. M. *Plantas medicinais e de uso religioso comercializadas em mercados e feiras livres no Rio de Janeiro*, RJ, Brasil. Acta Botânica Brasílica. São Paulo, v.20, n.1, p.185 – 194,2006.
- BARBOSA, W.L.R. (Org.); ET.al. *Etnofarmácia: Fitoterapia popular e Ciência Farmacêutica*. Belém: NUMA/UFPA, 2009.
- BIERNACKI, P. e WALDORF, D. (1981) *Snowball Sampling: Problems and Techniques of Chain Referral Sampling*. Sociological Methods & Research, 10, 141-163.
- BRASIL. *Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos* / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
- CAMARGO, M. T. L. A. *Os poderes das plantas sagradas numa abordagem etnofarmacobotânica*. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, v.15, n. 16, p. 395 - 410, 2005 - 2006.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Trad. Lautrent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice. 2003.
- LATOUR, Bruno. [1996]. *Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches*. Bauru: EDUSC, 2002.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M.. *Metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz & ARAÚJO, Marcos Antônio Alves de. *Territorialidades e Sociabilidades na Feira Livre da Cidade de Caicó (RN)*. Caminhos de Geografia. Uberlândia, v. 7, n. 17, p. 244-249, 2006.

MORAES et al. *Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos*. 1 edição. EDIPUCRS, 2002 - 316 páginas

MASSON, S & DELECLUSE, P. (2001). *Influence of the Amazon River runoff on the tropical Atlantic*. Physics and Chemistry of the Earth, Part B: Hydrology, Oceans and Atmosphere. 26. 137-142. 10.1016/S1464-1909(00)00230-6.

FREITAS, Maria do Carmo Soares de, FONTES, Gardênia Abreu Vieira, OLIVEIRA, Nilce de. *Escritas e narrativas sobre alimentação e cultura (online)*. Salvador: EDUFBA, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Censo Demográfico, 2010* a. Disponível em: Acesso em: 08 março 2020.

SANTOS, S. et al. *Influência do nível de atividade física na força muscular respiratória em idosos frequentadores de uma instituição social de Barreiras-Ba*. Revista das Ciências da Saúde e Ciências aplicadas do Oeste Baiano-Higia. 2020; 5(1): 148-163

TORRES, A. M.; EL-ROBRINI, M.; COSTA, W. J. P. *Panorama da Erosão Costeira no Brasil: Amapá*. In: Dieter Muehe. (Org.). *Panorama da Erosão Costeira no Brasil*. 1ed. Brasília: Ministério do Meio Ambiente (MMA), 2018, v. p. 19-63.

Data de recebimento: 16/07/2020

Data de aprovação: 10/12/2020